

LEMBRANÇAS DO 11 DE MARÇO de 1975

José Oliveira Simões

No dia 11 de Março de 1975 estava na BA5, a minha unidade favorita.

Por volta das 1100 a sirene tocou, o que lançou alguma perturbação.

Aterrou um Al II, vindo de Tancos, salvo erro com dois Tenentes-Coronéis, que se dirigiram ao gabinete do Comandante, Cor. Velhinho.

Como tinha alguma confiança com o Comandante, segui-os e entrei também no gabinete. Ouvi-os contar a história que já é conhecida, de que havia Tupamaros e outros terroristas no RALIS e que tinha sido apanhada uma lista de personalidades a abater, entre as quais estava o Gen. Spínola, que se opunham ao que se estava a passar, vulgo PREC (Processo Revolucionário em Curso), com o seu cortejo de excessos. Informaram também que o RALIS ia ser atacado por terra, com para-quedistas e por ar, com T-6.

O Comandante, sem saber o que fazer, telefonou ao CEMFA, que já estava informado do que estava a acontecer, mas que não deu instruções, como por exemplo, que os aviões da BA5 deveriam manter-se no solo.

Perante a ausência de ordens claras, o Comandante mandou descolar duas pares de F-86, desfasadas no tempo, para sobrevoarem Lisboa e observarem o que se passava no RALIS.

A mim, deu-me instruções para reunir os pilotos da Esquadra 51 e explicar-lhes o que tinha ouvido no gabinete, o que fiz de imediato.

O briefing que dei, que foi o relato do que tinha ouvido no gabinete do Comandante foi, mais tarde, utilizado para me acusarem de tentativa de subversão.

Como é sabido, uma série oficiais, incluindo o Gen. Spínola, fugiu de Al III para a Base de Talavera, da F.A. Espanhola, ainda na tarde do dia 11.

Na noite de 11 para 12 de Março o COPCON mandou prender os pilotos que haviam transportado os páras para a Portela em Nordatlas, embora autorizando que continuassem na BA3 até novas ordens.

Entretanto, como ainda não tinha havido consequências para os pilotos da BA5, foi realizada uma reunião na chamada 5ª Divisão, que funcionava no atual Instituto de Defesa Nacional.

O Cor. Velhinho e eu fomos massacrados; só faltou chamarem-nos de contra-revolucionários e reaccionários inimigos do 25 de Abril. O CEMFA da altura admitiu que havia sido ingénuo, o que não impediu a sua substituição por um major graduado em Gen.Q.E.

Eu tive a triste surpresa de me ver acusado por um camarada de curso que considerava meu amigo.

Como resultado da reunião, o Cor. Velhinho, o Maj. Ayala e eu demos entrada em Caxias na noite de 7 de Abril. A 9 ou 10 deram entrada os pilotos da BA3, o que elevou o total de pilotos para mais de cinquenta. Caxias recebeu, então, a designação de BA13 por ser o local onde havia mais pilotos “colocados”.

Devo referir que a estadia em Caxias até nem foi má, embora nos cortassem as visitas por vezes para castigar “travessuras” que fazíamos. Contribuía para não nos sentirmos mal o facto de pensarmos todos mais ou menos da mesma maneira, o que evitava discussões desagradáveis.

A permanência numa prisão, embora por um período curto (o Maj. Ayala saiu algures em Maio; o Cor. Velhinho e eu saímos a 22 de Junho) ajudava-nos a analisar e avaliar a mente humana.

Vi indivíduos de carácter aparentemente forte que se deixavam ir abaixo, não só por causa do regime prisional, mas também por recearem os reflexos que a sua situação pudesse provocar nas respectivas famílias. Outros houve, no entanto, que se mantiveram verticais e, até, arrogantes durante a prisão.

Houve também quem se preocupasse connosco. O melhor exemplo foi o Comandante da BA3, Ten.Cor. Estevens, que todos os Sábados nos visitava. Dois Conselheiros da Revolução, Ten.Cor.Costa Neves e Maj. Canto e Castro visitaram-nos várias vezes. Apesar de serem atacados verbalmente durante as visitas nunca deixaram de aparecer.

Também houve muita indiferença, não só em relação aos militares presos, como também em relação às respectivas mulheres. No meu caso, por exemplo, das mulheres dos meus camaradas de curso, apenas uma telefonou à minha mulher para a acompanhar naquele momento difícil. Um elemento do meu curso tentou visitar-nos e não o autorizaram. Um outro, depois de tudo terminado, pediu-me desculpa pela sua indiferença. Também houve momentos hilariantes, como o protagonizado pelo Maj. Martins Rodrigues (FAP), vulgo Martin, que estava na cela 8 com o Maj. Vasconcelos Rodrigues (Ex.). Os guardas, que nunca nos tratavam pelo posto, chamavam indistintamente pelo “Sr. Rodrigues”, o que fazia com que respondessem sempre os dois. Decidiram, então, que responderiam alternadamente. Na vez seguinte que um guarda chamou pelo Sr. Rodrigues coube ao nosso Martin responder, mal sabendo que seria levado para o isolamento por culpa de uma carta insultuosa que o Maj. Vasconcelos Rodrigues havia dirigido ao “Comandante do Bacalhoeiro”. Mas como uma combinação é uma combinação, lá foi, sem mais perguntas.

Uma noite, o jantar era jardineira, que estava tão boa que o Martin pediu para repetir. Pouco depois de se deliciar com o segundo prato, a porta da cela abriu-se e apareceu um indivíduo vestido de cozinheiro, escoltado por um fuzileiro. Quando o Martin se aproximou o cozinheiro descobriu-se respeitosamente e disse: “Eu queria conhecer Vossência porque sou cozinheiro desta prisão há mais de vinte anos e é a primeira vez que pedem para repetir um prato cozinhado por mim”.

Houve outras situações, boas e más, que mereceriam ser contadas mas, infelizmente, o espaço não chega.

11 de março de 2020

